

O LIVRO DAS
CONSPIRAÇÕES
EDSON ARAN

Também inclui
fraudes, fatos
inexplicáveis e
criaturas bizarras



Copyright © 2016 by Edson Aran

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E PROJETO GRÁFICO Joana Figueiredo

IMAGEM DE CAPA Shutterstock

ILUSTRAÇÕES Jean-Michel Trauscht

PREPARAÇÃO Livia Lima

REVISÃO Clara Diamant e Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aran, Edson

O livro das conspirações : também inclui fraudes, fatos inexplicáveis e criaturas bizarras / Edson Aran. – 1ª ed. – São Paulo : Suma de Letras, 2016.

ISBN 978-85-8439-048-9

1. Conspirações 2. Conspirações – Miscelâneas 3. Curiosidades e maravilhas I. Título.

16-07612

CDD-001.94

Índice para catálogo sistemático:

1. Teorias conspiratórias : Conhecimento controverso 001.94

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001

20031 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

PREFÁCIO É TUDO VERDADE

Ninguém lê prefácios. Ainda mais o prefácio de um livro como este, que pode — e deve — ser lido em qualquer ordem. No entanto, já que você parou aqui, merece conhecer um segredo que essa gente que não lê prefácios jamais saberá: o sentido da vida.

É verdade. Até o final deste texto introdutório, você não apenas entenderá o funcionamento do estranho mundo das conspirações como também vai descobrir por que estamos aqui. A vida, o universo e tudo mais. Vou explicar.

A teoria conspiratória é uma vertente da literatura fantástica, que, por sua vez, é gêmea da sátira, a sua irmã problemática. Os três gêneros — conspiração, sátira e fantasia — usam exatamente a mesma técnica: a subversão dos fatos para revelar uma incômoda verdade oculta. Pense em *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, e nas teorias sobre o assassinato do presidente John F. Kennedy. Ambas as narrativas distorcem o mundo que conhecemos para apresentar uma nova realidade estranha e perturbadora. A pequenez do homem e suas motivações em Swift; o poder invisível que controla o mundo no caso de Kennedy.

Não por acaso, *O livro das conspirações* está cheio de personagens que trafegam entre os dois mundos. Rabelais, por exemplo. François Rabelais, exímio satirista e autor de *Gargântua e Pantagruel*, os dois primeiros livros da clássica pentalogia da literatura fantástica, inspirou a criação do Hellfire Club — um precursor da Illuminati — no século XVIII e, muito tempo depois,

da Igreja de Thelema, fundada pelo satanista Aleister Crowley. Ou ainda Jean Cocteau, o poeta e cineasta surrealista que é apontado como grão-mestre do Priorado de Sião, a organização monarquista que conspira para restituir Jerusalém aos descendentes de Jesus e Maria Madalena.

Mas — cuidado! — isso não significa que todas as teorias conspiratórias sejam ficcionais. Antes de afirmar um absurdo desses seria preciso compreender exatamente qual é a natureza da ficção. Vamos tentar.

O homem é um animal que conta histórias. Há 40 mil anos, muito antes da escrita, já produzia pinturas rupestres nas cavernas do Paleolítico, cujo significado ainda divide os antropólogos. Vários homenzinhos armados de lanças cercam um mamute: seria o registro dos acontecimentos ou um desejo de que a caça fosse bem-sucedida, um PowerPoint pré-histórico? Na primeira hipótese, o desenho é uma obra de não ficção. Na segunda, de ficção. As duas teorias nos levam a caminhos diferentes. Se o desenho for só uma crônica, então nossos antepassados eram jornalistas antes mesmo de a imprensa existir. E como todos nós concordamos que a mídia mente, o mamute talvez fosse só um esquilo inofensivo.

No entanto, se o desenho for uma obra de ficção, então ele tem a função de transformar desejo em realidade — no caso, abater um mamute e alimentar a tribo. A pintura é quase uma invocação xamanística que traz ao mundo uma ideia abstrata.

Toda narrativa existe para dar um sentido ao universo, não importa o formato. Conto, romance, dissertação de mestrado, tratado histórico, tese sociológica, manifesto político, mensagem divina: é tudo narrativa. De certa forma, é tudo ficção. Mesmo quando os autores acreditam que escrevem não ficção.

Veja, até os livros de história são, no fundo, uma invenção. Principalmente os livros de história. Sobre tudo os livros de história. Personagens ganham proeminência ou desaparecem. Acontecimentos mudam de significado. Causas e consequências são revistas e repensadas. A narrativa do passado é influenciada pelo que desejamos no futuro, que, por sua vez, é uma idealização, não é real.

Ouso afirmar, portanto, que qualquer conspiração deste livro é tão verdadeira quanto a versão oficial dos fatos. Nessas águas turvas, a linha divisória entre ficção e não ficção é tênue e talvez nem devesse existir. Quando alguém denuncia uma conspiração, seu desejo é mostrar como o mundo se move; quando alguém inventa uma conspiração, o objetivo é fazer com que o mundo se mova. Tem diferença?

O.k., os céticos dizem que afirmações espetaculares precisam de evidências espetaculares. (E eles estão certos, os céticos.) Mas a ausência de provas nunca afetou a construção da realidade. Vamos lá: você, como muitos

de nós, talvez pense que Yaveh, o Deus de Abraão, aquela criatura rancorosa e ciumenta, seja apenas um personagem de ficção que jamais produziu dilúvios nem abriu mares. Não importa. Yaveh é tão real que fez um mundo à sua imagem e semelhança. Suas regras e códigos formam a base moral de grande parte da população do planeta. E a simples descrença de um pobre mortal não anula essa realidade: milhões de pessoas vivem no mundo que Yaveh criou.

Pode-se aplicar o mesmo raciocínio aos anunnaki, aos greys, à Illuminati, aos reptilianos, aos Bilderbergers, ao Priorado de Sião, à Ordem dos Assassinos, aos marcianos que atacaram Nova Jersey, às bases ocultas na Lua, aos mundos subterrâneos, continentes desaparecidos, fantasmas bailarinos e todas as ordens, cultos e organizações que secretamente controlam o mundo. Você pode acreditar ou não, mas todas elas existem, ainda que apenas como uma ideia que deseja se impor à realidade. Como escreveu Joseph Heller, autor de *Ardil-22*: “Só porque você é paranoico não significa que eles não estejam mesmo atrás de você!”.

E este, querido leitor que lê prefácios, é o segredo que eu tinha prometido revelar lá no começo. O sentido da vida, lembra?

O sentido da vida é que todos nós vivemos num mundo ficcional que, no entanto, precisa ser levado extremamente a sério. A economia, as religiões, as teorias, os heróis, a história. É tudo falso. Logo, é tudo verdade.

Pois é. É um paradoxo, mas não se preocupe. Só se lembre de uma coisa: é sempre a realidade que imita a ficção, nunca o contrário.

Edson Aran

COMO LER ESTE LIVRO

Comece pela primeira página e vá até o fim. Depois leia outra. Esse é o método simples. Mas tem também o método confuso, que é mais divertido e especialmente recomendado pelo autor. Comece pelo verbete que quiser. Todas as palavras em **MAIÚSCULAS PRETAS** são links para histórias que completam ou aprofundam a primeira. Além disso, ao lado de cada texto há indicações de leitura que guardam certa relação com o verbete já lido.

O livro é um labirinto, mas o importante não é achar a saída, é curtir a viagem.

IDENTIFIQUE A TRAMA

Quem e o que está por trás de cada uma das conspirações deste volume



ALIENÍGENAS

Imperialistas cósmicos se metendo nos nossos assuntos internos



CRIATURAS MONSTRUOSAS

Seres abomináveis à solta por aí



DOMINAÇÃO MUNDIAL

Eles só querem controlar o planeta



ESPIÕES E CONTRAESPIÕES

Serviços de inteligência promovendo a estupidez



FARSA HISTÓRICA

Parece verdade, mas não é



HISTÓRIA OCULTA

A história não é aquela você aprendeu na escola



MALDITA MÍDIA

Manipuladores muito loucos aprontando altas confusões



MUNDOS SUBTERRÂNEOS

O que vem de baixo nos atinge



MUTAÇÃO BIOLÓGICA

Criaturas estranhas com modificações esquisitas



NAZISTAS

São nazistas, ora! Precisa dizer mais?



SATANISMO

Adoradores de Satã e de outros capetas



SOCIEDADES SECRETAS

As forças ocultas que dominam o mundo



TECNOPARANOIA

As máquinas que vão nos escravizar



VIAGEM NO TEMPO

Gente do futuro alterando o passado



ABDUL ALHAZRED, O ÁRABE LOUCO

Sua história é incerta. Sabe-se que foi poeta e nasceu no século VII no Iêmen, na cidade de Saná — supostamente fundada por Sem, filho de Noé.

Em algum momento da vida, Abdul Alhazred passou dez anos vagando pelo Rub' al-Khali, um dos desertos mais inóspitos do mundo, habitado apenas por espíritos malignos. Ali, teria encontrado as ruínas de uma cidade ciclópica construída antes da era dos homens. Ao retornar da peregrinação, o poeta se convertera em necromante.

Foi viver em Damasco, na Síria, onde escreveu o nefando *Necronomicon* — também conhecido como *Al Azif* —, livro que traz rituais para animar os mortos e invocar os Grandes Antigos, deuses de nomes esdrúxulos que habitaram a Terra bilhões de anos atrás: Cthulhu, Azathoth, Yog-Sothoth, Nyarlathotep, entre outros. As entidades são tão poderosas que basta pronunciar o nome delas para invocá-las e produzir um **APOCALIPSE ZUMBI**.

Apenas dois exemplares do *Necronomicon* teriam sobrevivido: um no Museu Britânico, em Londres, e outro na Biblioteca Nacional de Paris. Mas eles não constam do catálogo das instituições, e há quem afirme que os livros nunca estiveram lá.

Rumores mencionam um terceiro exemplar, pertencente a Adolf Hitler (1889-1945) e enterrado secretamente nas montanhas de Osterhorn, na Áustria, no ocaso do Terceiro Reich. Durante séculos, o *Necronomicon* tem sido cobiçado por seitas e sociedades secretas, pois a posse do livro garante o controle do mundo.

O problema é que o livro nunca existiu. Nem ele nem o árabe louco. Ambos são criações literárias do escritor gótico americano H. P. Lovecraft (1890-1937), que os utiliza em alguns contos e em duas narrativas longas, *Nas montanhas da loucura* e *O caso de Charles Dexter Ward*. O nome “Abdul Alhazred” nem sequer é gramaticalmente correto em árabe.

No entanto, o mago **ALEISTER CROWLEY** (1875-1947) afirmava possuir o *Necronomicon*, e conta-se que **JOHN DEE & EDWARD KELLEY, OCULTISTAS** elisabetanos, traduziram a obra para o inglês no século XVI. Especula-se que Dee & Kelley tenham usado o livro para invocar os **NEFILIM** mencionados pelo profeta bíblico Enoque em seu texto apócrifo. Arqueólogos especulativos afirmam que de fato existe uma cidade perdida nas areias do Ru al-Khali, chamada El Yafri. O local teria sido habitado por **GIGANTES** de origem alienígena e é anterior ao **DILÚVIO UNIVERSAL**.

Veja também:

GLYCON

LANÇA DO DESTINO

MANUSCRITO

VOYNICH

NAZIESOTERISMO

ORDEM DO SOL

NEGRO

H. P. Lovecraft talvez não tenha inventado o *Necronomicon*, mas apenas conhecido o grimório. Nesse caso, espero sinceramente que você não tenha a infeliz ideia de dizer em voz alta os nomes de Cthulhu, Azathoth, Yog-Sothoth e Nyarlathotep!



AKHENATON

No álbum *25 anos de samba-reggae* (2005), assim canta o Olodum:

*Egito é,
Akhenaton,
Olodum navega o Nilo com os seguidores de Aton!
Ê Karnak, ê Karnak
Cidade do templo de Amon-Rá
Ê Karnak, ê Karnak
Santuário de um povo milenar!*

O faraó Akhenaton não inspirou apenas essa axé-music do crioulo doido — ele também fez a cabeça de historiadores, ufólogos, caçadores de conspirações e até de Sigmund Freud (1856-1939).

Como didaticamente explica o Olodum em sua obra, Amenófis IV (ou Amonhotep em egípcio antigo) foi um faraó da 18ª dinastia (“ê Karnak!”). Seu pai, Amenófis III, havia transformado o Egito numa potência imperialista que englobava os atuais territórios da Jordânia, Cisjordânia, Israel, Síria e o norte do Sudão. Historiadores suspeitam de que o filho, que chegou ao poder em 1375 a.C., tenha sido um corregente do império, ao lado do pai. Não se sabe. No quinto ano de reinado, Amenófis IV mudou o nome para Akhenaton, que significa “o espírito atuante de Aton” (“ê Karnak!”).

Aton era o “disco solar”, um dos aspectos de Rá, o deus-sol. Mas o faraó o promoveu a deus único e todo-poderoso, proibindo os cultos politeístas no templo de Karnak e promovendo a destruição de todas as estátuas. A palavra “deuses”, no plural, foi riscada de papiros e inscrições. O faraó, além de líder militar, se tornou a máxima autoridade espiritual do Egito, reduzindo drasticamente a influência da poderosa casta dos sacerdotes (“ê Karnak!”).

Um cronista escreveu: “Os santuários foram abandonados, ervas daninhas lhes cresceram por cima, e os deuses viraram suas costas para esta terra”.

Aton reinava supremo.

Isso faz de Akhenaton o inventor do monoteísmo, pois Aton antecede a criação do **YAVEH** dos judeus. No texto “Moisés e o monoteísmo”, escrito em 1937, Freud especula que Moisés era um egípcio aliado de Akhenaton. Quando o faraó deixou o poder, ele e seus seguidores saíram zanzando pelo deserto em busca de um lugar ao sol.

Freud argumenta que “Aton” soa como a palavra hebraica “adonai”, que significa “senhor”, e também como “Adônis”, divindade síria surgida na mesma época. “Juntamente com a crença no deus único, nasceu inevitavelmente a intolerância, que anteriormente era alheia ao mundo antigo”, escreveu o pai da psicanálise.

O historiador Paul Johnson explica que “identificar o nacionalismo com um deus soberano foi uma característica da época”, e a ascensão do império, portanto, se “vinculou à emergência de uma forma de monoteísmo que subordinava a multiplicidade de deuses a uma divindade superior”.

Para coroar a reforma religiosa, o faraó abandonou Tebas, a capital do império, e fundou uma nova cidade para a corte: Akhetaton, ou “horizonte de Aton”, que acabaria, veja você, por inspirar Juscelino Kubitschek a construir Brasília.

Dezessete anos depois de sua coroação, Akhenaton morreu de forma misteriosa, possivelmente assassinado pelos sacerdotes dos antigos deuses. A cidade de Akhetaton foi saqueada, destruída e abandonada. As estátuas do faraó foram postas abaixo e seu nome foi proscrito. Era a vingança dos deuses.

Mas Akhenaton permaneceu muito vivo no coração do Olodum e também dos conspiranoicos (“ê Karnak!”).

Há quem defenda que o culto monoteísta a Aton foi ensinado ao faraó por criaturas **EXTRATERRESTRES**. Outros, mais doidões, dizem que o próprio Akhenaton era um alienígena — ou um híbrido. Como evidência, apontam que ele, assim como sua esposa, Nefertiti, tinha **CRÂNIO ALONGADO**. A múmia de Akhenaton foi descoberta em 1907 no Vale dos Reis. A de Nefertiti ainda não foi identificada, mas há fortes suspeitas de que seja um dos corpos encontrados na mesma tumba — e de fato tem um crânio anormalmente longo.

Alguns fóruns da internet dedicados a viagens no tempo especulam que Akhenaton possa ser um visitante do futuro, daí sua forma física esquisita. A tentativa de implantar o monoteísmo talvez fosse um ardil para influenciar a história, ou até para consertá-la. Com viagens no tempo nunca se sabe.

Já o escritor Mark Booth não enxerga Akhenaton com bons olhos. Na obra *A história secreta do mundo*, sustenta que o monoteísmo é apenas uma forma de materialismo, pois nega a existência de espíritos e outras criaturas

Veja também:

ASSASSINATO
DO REI

BRASÍLIA,
TEMPLO DO
DEUS-SOL

FU-TURISTAS

GRANDE
PIRÂMIDE

MALDIÇÃO DE
TUTANKAMON

A

desencarnadas. Embora alguns esotéricos vejam o faraó como uma figura profética e santificada, Booth afirma que os egípcios da época consideraram seu reinado um “evento setiano” — isto é, de Seth, o deus da violência, da traição, do deserto, da guerra e das serpentes, um antecessor do Satã judaico (“ê Karnak!”).



ALEISTER CROWLEY

No livro de memórias *Paris é uma festa*, Ernest Hemingway divide, a contragosto, a mesa com o escritor Ford Madox Ford no café Closerie des Lilas, em Montparnasse. São os anos 20, e a Cidade Luz é habitada por uma estranha fauna de surrealistas, ocultistas, comunistas e vanguardistas.

Um homem magro, de capa, passa pela rua acompanhado de uma mulher muito alta. Madox Ford diz que aquele é o poeta e ensaísta Hilaire Belloc, mas se recusa a cumprimentá-lo, pois Belloc, assim como Hemingway, não era um “cavalheiro”.

Madox Ford se vai; Hemingway continua enchendo a cara, claro. Outro conhecido se junta a ele. O homem magro passa novamente, e o escritor repete a história que ouvira, mas o amigo o corrige: “Não seja besta!”, diz. “Aquele é Aleister Crowley, o satanista. Dizem que é o homem mais pervertido do mundo.”

Aleister Crowley (1875-1947), a Grande Besta, é uma das figuras mais fascinantes do século xx. Hoje, quase setenta anos depois de sua morte, ainda exerce influência notável em autores como Alan Moore, Grant Morrison, Neil Gaiman, J.K. Rowling e o nosso Paulo Coelho. Seu nome está associado a inúmeras teorias conspiratórias, seitas satânicas e sociedades secretas. Há até quem acredite que ele é responsável por grande parte das bizarrices que ocorrem no mundo.

Ocultista aplicado, Crowley viajou à Índia, ao Tibete, ao México, ao Japão, ao Sri Lanka e à China. Estudou budismo, taoísmo, hinduísmo, tantrismo, sufismo e fundou a própria religião, Thelema. Mas nunca foi um pregador cheio de certezas. Em seu *Diário mágico*, escreve: “Neste livro, fala-se de caminhos, espíritos e conjurações de deuses, esferas, planos e muitas outras coisas que podem ou não existir. É imaterial se elas existem ou não. Mas, ao fazer certas coisas, certos resultados são obtidos”.

Aleister Crowley defendia uma sistematização dos rituais de invocação e recomendava que se fizessem anotações detalhadas das experiências:

“O que ninguém antes de mim havia feito é provar a existência da inteligência extra-humana. Posso equivocarme na interpretação, obviamente, mas é impossível duvidar que exista alguém lá”. Mas onde é “lá”? Ninguém sabe ao certo.

O mago tinha mania de falar com anjos. Em especial, os caídos, que o profeta Enoque chama de **NEFILIM** e que muitos conspiranoicos acreditam que não eram entidades sobrenaturais, e sim seres **EXTRATERRESTRES**.

Conta-se que entre 1904 e 1919 (as biografias divergem) Crowley teria encontrado, no Cairo, um misterioso ser chamado Aiwass, que o instruiu na prática da magia. Essa criatura seria originária de Sírius, sistema de onde supostamente vieram os **ANUNNAKI** (que são, a depender da fonte, os mesmos nefilim de Enoque). A literatura conspiratório-esotérica garante que Crowley, inspirado por Aiwass, abriu vários portais dimensionais com seus rituais mágicos. O problema é que se esqueceu de fechá-los depois. Esses vórtices foram a porta de entrada para discos voadores, monstros e abominações diversas.

Uma das fendas teria sido produzida na **BOLESKINE HOUSE**, às margens do lago Ness, na Escócia, entre 1899 e 1913. Outro “portal” foi aberto em 1946 no deserto de Mojave, nos Estados Unidos, por **L. RON HUBBARD E O CIENTISTA DE FOGUETES** John Whiteside Parsons. Hubbard, mais tarde, fundaria a Igreja da Cientologia. Parsons faria importantes descobertas sobre a propulsão de foguetes antes de morrer na explosão do seu laboratório, aos 37 anos.

O trabalho de invocação realizado por Hubbard e Parsons, conhecido como **OPERAÇÃO BABALON**, não contou com a participação de Crowley, mas foi inspirado por ele. Alguns teóricos da conspiração defendem que esse portal teria possibilitado a entrada dos alienígenas **GREYS** na nossa dimensão. No ano seguinte, em 24 de junho de 1947, o piloto Kenneth Arnold avisaria uma flotilha de **UFOS** sobre o monte Rainier, no estado de Washington. E, em 8 de julho de mesmo ano, um objeto voador não identificado caiu em **ROSWELL**, no Novo México. Os dois eventos marcam o início da chamada “Era dos Discos Voadores”.

O nome de Aleister Crowley também está associado ao **EXPERIMENTO FILADÉLFIA**, uma suposta viagem no tempo promovida pela Marinha americana em 1943. O experimento seria baseado na magia de Crowley e nas invenções do servo-croata **NIKOLA TESLA**.

Veja também:

ABDUL
ALHAZRED, O
ÁRABE LOUCO

JOHN DEE &
EDWARD KELLEY,
OCULTISTAS

KENNETH
ARNOLD E OS
DISCOS
VOADORES

A



ALTERNATIVA 3

Carl Sagan, um astrônomo respeitado e cético, teorizou, certa vez, que se extraterrestres viessem observar a Terra, certamente usariam a Lua como base. De fato, a Lua não é dos amantes, mas dos paranoicos. Segundo alguns teóricos da conspiração, o satélite esconde bases alienígenas, fato que a **NASA** esconde da população mundial. De acordo com outros, nós nunca estivemos lá e o pouso da Apollo 11 é uma completa farsa. E há até quem defenda que os nazistas alcançaram o astro nos anos 40 e vivem lá até hoje. Mas uma das histórias mais interessantes sobre o **MUNDO DA LUA** é a “Alternativa 3”.

Em 1977, a emissora britânica Anglia Television, hoje ITV Anglia, levou ao ar um curioso documentário que revelava uma intrincada conspiração mundial. A reportagem começava contando a história de cientistas britânicos desaparecidos misteriosamente. A investigação prossegue com a morte suspeita de um astrônomo, depoimentos de jornalistas que foram pressionados a abandonar a investigação e a entrevista de um astronauta alcoólatra.

Finalmente, a trama é desvendada. Em 1957, um simpósio promovido pela elite econômica mundial concluiu que a Terra não sobreviveria ao Terceiro Milênio. O aumento descontrolado da população e a exploração indiscriminada dos recursos naturais acabariam por inviabilizar a vida humana no planeta; o efeito estufa derreteria as calotas polares e a população se aniquilaria em guerras por água e comida.

Para evitar o cenário *Mad Max*, cientistas desenvolveram três alternativas. A Alternativa 1 era usar um dispositivo nuclear para abrir uma fenda na estratosfera e fazer com que os gases tóxicos que causam o efeito estufa escapassem. O problema é que a fenda também permitiria a entrada dos raios uv na atmosfera, matando milhões de pessoas de câncer. Além disso, seria necessário conter drasticamente a produção industrial para reduzir a emissão de poluentes. A única maneira de fazer isso seria reorganizar a economia em suas bases, alterando a matriz energética calcada em combustíveis fósseis, o que dificultaria bastante a vida dos pobres bilionários. Isso tudo tornava a Alternativa 1 arriscada demais.

A Alternativa 2 consistia em construir uma vasta rede de cidades subterrâneas para abrigar a elite da raça humana. Essas pessoas se manteriam protegidas da barbárie para emergir no momento oportuno e governar o mundo. Mas havia o enorme risco de que esses “oásis” acabassem descobertos pela patuleia enfurecida, complicando ainda mais uma situação já caótica. A Alternativa 2 também foi abandonada.

E, por fim, havia a Alternativa 3, que era praticamente igual à anterior, só que com as cidades secretas construídas na Lua, portanto menos acessíveis à plebe ignara. Enquanto isso, Marte seria “terraformado” para ser o destino final da elite egoísta.

A Alternativa 3 foi colocada em prática e as várias etapas do processo foram cuidadosamente planejadas. Primeiro inventou-se uma falsa Guerra Fria entre as duas potências hegemônicas — que, na verdade, trabalhavam em estreita colaboração. Da mesma forma, dois programas espaciais foram estabelecidos. Um era o falso Projeto Apollo, responsável por forjar a conquista da Lua em 1969. O outro era um consórcio secreto entre americanos e soviéticos que pousou no satélite natural ainda nos anos 50 e construiu ali uma base de lançamento para alcançar Marte.

No entanto, para que a Alternativa 3 fosse bem-sucedida, quatro sub-programas foram colocados em ação. O primeiro consistia na fabricação de conflitos localizados para manter a ilusão da Guerra Fria. O segundo se responsabilizava por recrutar cérebros altamente qualificados para trabalhar na Alternativa 3 (daí o sumiço dos cientistas britânicos). O terceiro controlava o aumento populacional da Terra com a disseminação de vírus letais. E, enfim, o quarto: produzir humanos mais adaptados à vida em Marte por meio de manipulação genética. O resultado dessa experiência são os famigerados “alienígenas” **GREYS** — na verdade, humanos alterados biologicamente. Aliás, por falar nisso, os discos voadores também não são **EXTRATERRESTRES**, mas sim veículos da elite sociopata. Para manter a trama em segredo, os vilões usaram todos os recursos disponíveis: sequestro, manipulação, chantagem e assassinato.

Esta é a verdadeira história do século xx, leitor crédulo. Todas as teorias que envolvem bases secretas subterrâneas e criaturas extraterrestres são um mero reflexo distorcido da Alternativa 3, a única conspiração verdadeira.

Só tem um problema: é tudo armação.

O programa da Anglia Television foi exibido em 1º de abril de 1977 e não passa de uma piada extremamente elaborada: um “*mockumentary*” transmitido dentro de uma série jornalística chamada *Science Report* para dar maior veracidade à trama.

Ou, pelo menos, é nisso que querem que você acredite.

O escritor americano Jim Keith (1949-99), autor de doze livros sobre conspirações, escreveu uma obra inteira sobre o tema, *Casebook on Alternative 3*, na qual reconhece que o documentário da Anglia é uma farsa, mas aponta evidências de que a Alternativa 3 é real e está em andamento neste exato momento.

Segundo os conspiranoicos, peças de **DESINFORMAÇÃO** como o *mockumentary* são produzidas de tempos em tempos para ridicularizar quem

Veja também:

A GUERRA DOS
MUNDOS

AMAZING
STORIES

AUTÓPSIA
ALIENÍGENA

HOMENS-
-MORCEGO
DA LUA

QUARTO 237

A

denuncia as verdadeiras conspirações. Ou seja: a Alternativa 3 é totalmente falsa, logo é absolutamente real.



ALUMBRADOS

Seita gnóstica surgida na Espanha do século XVI, os alumbrados (“iluminados”, em português) pregavam que Deus está dentro de cada um de nós, tornando dispensáveis os sacramentos, o pagamento do dízimo e a obediência à Igreja católica. A Igreja católica não gostou muito.

Os alumbrados foram condenados por heresia em 1623, mas serviram de inspiração para a criação, 150 anos depois, na Alemanha, da Ordem dos Iluminados da Baviera, também conhecida como **ILLUMINATI**.

Alguns conspiranoicos afirmam que a **COMPANHIA DE JESUS** era a verdadeira força por trás da seita espanhola e também da sociedade secreta alemã. Isso é curioso, já que os jesuítas comandaram a Inquisição, que combateu os alumbrados e, mais à frente, a Illuminati. Mas talvez o maior talento da ordem seja este: manipular os dois lados do conflito para implementar uma agenda completamente diferente. Você já viu isso antes em *Star Wars*.

Veja também:

COLÉGIO
INVISÍVEL

ECCLESIA
GNOSTICA
CATHOLICA

GNOSTICISMO
YAVEH



AMAZING STORIES

A revista *Amazing Stories* foi criada em 1926 pelo editor Hugo Gernsback (1884-1967) e é a primeira publicação *pulp* totalmente dedicada à ficção científica. Nos anos 20, lançou clássicos de H. G. Wells, Jules Verne e Edgar Rice Burroughs. Isaac Asimov e Arthur C. Clarke também ganharam uns trocos vendendo contos para a publicação.

Mas em meados dos anos 40 *Amazing Stories* enfrentava a concorrência de um novo e poderoso veículo: os quadrinhos. As vendas caíam e a direção da revista foi entregue ao jovem e inquieto Raymond A. Palmer, mais conhecido como Ray Palmer. Para aumentar a circulação, o novo editor abriu a publicação para relatos de não ficção. *Supostamente* de não ficção.

Um dos primeiros textos da nova fase, publicado em 1945, foi “I Remember Lemuria!”, de Richard Shaver, que narra o encontro do autor com criaturas **INTRATERRESTRES** chamadas “deros”, que secretamente cons-

Veja também:	piram contra a humanidade. Palmer nunca escondeu que fez inúmeros acréscimos ao original de Shaver para deixar a história mais interessante.
ALTERNATIVA 3	A estratégia editorial funcionou e fez com que as vendas comesçassem a subir. Aos poucos, Ray Palmer foi abandonando os contos de ficção científica e transformando a <i>Amazing Stories</i> numa publicação de, hmmm, “reportagens investigativas”.
HOMENS- -MIRAGEM	A revista foi uma das primeiras a mencionar a queda de um disco voador em ROSWELL , em 1947, e também pioneira em denunciar a existência dos sinistros HOMENS DE PRETO .
HOMENS- -MORCEGO	O sucesso das narrativas bizarras impulsionou a criação da revista <i>Fate</i> (1948), sobre fenômenos paranormais, e, mais tarde, da <i>Flying Saucers from Other Worlds</i> (1957), totalmente dedicada à ufologia.
DA LUA	O escritor americano Robert Anton Wilson (1932-2007), um pesquisador de teorias conspiratórias, atribui a Palmer a invenção de vários elementos que hoje são canônicos na trama sobre os GREYS : “Milhões de pessoas estão vivendo num mundo criado por Ray Palmer, embora a maioria delas nunca tenha ouvido falar dele”.
KENNETH ARNOLD E OS DISCOS VOADORES	
L. RON HUBBARD E O CIENTISTA DE FOGUETES	
PIERRE PLANTARD DE SAINT-CLAIR	